

*DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EMEF “JOSÉ AUREO
MONJARDIM”*

Dandara Vieira¹

Nidrianny Bueno²

Resumo: Pretende-se neste artigo abordar as dificuldades de aprendizagem dos alunos da EMEF “José Aureo Monjardim”, em Vitória, com base na experiência em sala de aula proporcionada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) de História. Além disso, será usada como suporte a realização e análise de testes e de um questionário pessoal feito com os estudantes.

Palavras-chave: Dificuldades de aprendizagem. História. PCN.

O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) é uma iniciativa da CAPES, instituição que o financia, para o aperfeiçoamento e a valorização da formação de professores para a educação básica. O programa oferece bolsas aos alunos de cursos presenciais de licenciatura que se dediquem a estagiar principalmente nas escolas públicas desde o início da sua formação acadêmica e que, quando graduados, se comprometam com o exercício do magistério. Com isso, o objetivo é antecipar o vínculo entre os futuros docentes e as salas de aula. Os projetos desenvolvidos pelas Instituições de Educação Superior (IES) em parceria com as escolas de educação básica da rede pública de ensino devem promover a inserção dos estudantes no contexto das escolas públicas para que desenvolvam atividades didático-pedagógicas que busquem a superação de problemas identificados no processo de ensino-

¹ Graduanda do curso de História da Universidade Federal do Espírito Santo.

² Graduanda do curso de História da Universidade Federal do Espírito Santo.

aprendizagem, sob orientação de um docente da licenciatura e de um professor da escola. Então, entre os objetivos do programa também está incentivar essas escolas, mobilizando seus professores como coformadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério, além de contribuir para a articulação entre teoria e prática necessárias à formação dos docentes, elevando a qualidade das ações acadêmicas nos cursos de licenciatura.

A partir disso, pretende-se neste artigo abordar as dificuldades de aprendizagem dos alunos da EMEF “José Aureo Monjardim”, em Vitória, com base na experiência em sala de aula proporcionada pelo PIBID de História. Além disso, será usada como suporte a realização e análise de testes e de um questionário pessoal feito com os estudantes.

Antes de tudo, se faz necessário falar sobre a metodologia da escola e da professora supervisora Mônica Lima, especificamente. No José Aureo Monjardim o professor tem autonomia na definição dos critérios de avaliação, por exemplo. No caso da professora Mônica Lima, supervisora do programa na instituição, é utilizada uma metodologia que possibilita a correção das respostas ou posicionamento dos estudantes, de forma oral. Dessa maneira as questões ficam mais transparentes para o mesmo.

Em geral, os professores da escola seguem os fundamentos do Projeto Político Pedagógico (PPP) no sentido de se pautarem nas práticas pedagógicas numa perspectiva histórica cultural. Baseiam-se também na discussão curricular que existe na rede municipal de ensino. Alguns professores se dizem construtivistas nos ciclos iniciais, outros interferem mais no processo de aprendizagem dos estudantes. Nos ciclos finais há profissionais mais tradicionais e conteudistas. No que se refere a metodologia de ensino, a professora supervisora mescla suas práticas: é tradicional e conteudista em alguns aspectos, mas estimula a prática dialogada e procura propor o estudo do passado a partir de problemáticas do presente.

Na escola, os estudantes precisam alcançar os objetivos propostos no currículo. Os conceitos usados são: alcançado (A), parcialmente alcançado (P) e não alcançou (N). Os estudantes têm os dois anos do ciclo para alcançar os objetivos. São realizadas recuperações paralelas e reforço escolar e é observado como ocorre o processo de aquisição de conhecimento para assim avaliar o perfil do estudante para aprovação ou retenção. Não existe recuperação trimestral na rede, somente no final do ano com a prova Nova Oportunidade de Aprendizagem (NOA). No JAM, procuram resolver alguns casos através da recuperação paralela. A escola possui projetos de preparação dos alunos para o IFES, em que os professores trabalham algumas questões antigas, e para alunos com defasagem de conteúdos ou dificuldade de aprendizagem. Para isso, costumam dividir as turmas em função da carga horária e do dia.

Dificuldades de aprendizagem: leitura e escrita

O assunto em constante discussão no momento é as dificuldades de aprendizagem que vem sendo encontradas em muitas escolas. Por um período tais dificuldades foram atribuídas a fatores extra-escolares, como: a família, condições financeiras. Posteriormente as causas foram atribuídas a questões biológicas e culturais: diziam que o indivíduo que nascia em um meio pobre, sem acesso a uma boa educação, teria dificuldades na escola. Porém, sabemos que varias causas interferem na aprendizagem. Existem fatores extra-escolares e intra-escolares, como o ensino inadequado, um currículo obsoleto, a falta de motivação, fatores socioeconômicos e culturais. Há também as causas biológicas e psicológicas.

A dificuldade na leitura e na escrita tem preocupado os educadores. De acordo com Soares (2004, apud SHIMAZAKI), a alfabetização é a ação de ensinar a ler e a escrever. Para Freire (1980 e 1994, apud SHIMAZAKI) é o desenvolvimento de consciência crítica, sendo um processo que se faz por meio da prática social. Para a pesquisadora Luria (1988, apud SHIMAZAKI), a escrita começa muito antes da

primeira vez em sala de aula: o professor precisa ter conhecimento do que a criança era capaz de fazer antes de entrar no meio escolar.

A aprendizagem da leitura e da escrita ocorre de formas diferentes para todas as crianças, sujeitando-se do processo de ensino e do orientador. É importante a criança saber o que é a escrita, é necessário saber o processo que leva até a leitura e escrita. O aluno precisa construir o conhecimento de forma conceitual para aprender a ler, sendo que muitos apresentam problemas porque não aprenderam a interpretar o que está escrito. Cabe a eles decifrar o que está lendo. A principal diferença entre leitura e escrita é que a primeira parte da decodificação das letras presentes na escrita, já a outra diz respeito à palavra falada. As crianças que tem dificuldade na leitura e na escrita aprendem como os outros alunos, porém de forma mais lenta.

Muitos dos problemas encontrados dentro da dificuldade em assimilar os conteúdos de história e de outras disciplinas, deveriam ser melhor trabalhados nas aulas de Língua Portuguesa. Os alunos vêm do Ensino Fundamental I sem alcançar o nível esperado de leitura e escrita e ao chegarem no 6º ano, não conseguem fazer uma melhor interpretação do que está sendo ensinado pelo professor de História e, assim, não assimilam os conteúdos da disciplina, apenas reproduzem o que leram, copiaram e ouviram.

Dificuldades de aprendizagem em História

O objetivo do ensino da história no 3º e 4º ciclo consiste em desenvolver capacidades como situar os conhecimentos históricos em múltiplas temporalidades. Tais objetivos desqualificam os objetivos da escola tradicional que, ao contrário, priorizava o ensino cumulativo de informações, como ordenação mecânica de fatos e causas, o ensino de uma história eurocêntrica, destacando os feitos de governantes.

Sobre o predomínio de um ensino mecânico, em uma conversa qualquer com adultos que já concluíram os estudos, resta a eles apenas fragmentos de alguns fatos, datas ou

nomes. Dessa forma vemos que persiste nos cursos de história a preocupação em um conhecimento histórico que é sintetizado pela historiografia e pesquisa histórica, porém não se preocupam com o estudo da aprendizagem.

Dentro da universidade há uma discussão entre a licenciatura e o bacharelado, onde o primeiro se preocupa com a orientação pedagógica na formação do historiador e o outro defende o saber histórico como soberano. Atualmente há uma preocupação em chamar a atenção da criança e fazer com que ela desenvolva o interesse em aprender história. Esse interesse apresenta duas facetas, de acordo com Jean Piaget (2005, apud CAIMI). Para o autor, o interesse faz com que a tarefa pareça fácil e o aluno a faça com um ânimo por estar interessado. Por outro lado, apresenta um sistema de valores, vão diferenciando conforme o desenvolvimento da criança, vinculando-se a auto-valorização. Levar em conta os interesses dos alunos não significa abolir o intelecto e o conhecimento histórico.

A construção do conceito histórico acontece de forma científica. Torna-se importante que os professores saibam passar para os alunos de novos jeitos. A tendência é terem definições prontas encontradas nos livros didáticos e nos dicionários. Esse uso vazio de conceitos causa uma passividade nos receptores e até mesmo sua resistência em se interessar pela disciplina. Ao tentarem abordar toda a história, esquecem dos métodos participativos, o diálogo e os trabalhos em dupla, que torna o aprender da história menos robótico. A cooperação abre espaço para o aluno expor seus argumentos e até mesmo negar ou afirmar outro ponto de vista que não seja o seu.

A influência da formação do professor

Ao se questionar a aprendizagem se faz necessário analisar os modos de formação dos professores da disciplina. Os estudos apontam constantes mudanças no enfoque aos pressupostos fundamentais. Na Universidade os professores têm acesso a muitos conceitos que para serem passados aos seus alunos precisaram de uma transposição

didática. Cada indivíduo adquire uma forma de assimilar os objetos ao longo da vida. É o princípio do desenvolvimento mental. Dessa forma, é complicado aos alunos dos primeiros anos absorverem conceitos, como tempo histórico, com base nas pesquisas de Piaget (1973, apud CAIMI).

A partir da década de 90, vem sendo realizadas, no Brasil, discussões sobre a formação dos professores com base na reflexão e nas suas práticas. Dentro disso, se faz importante a investigação feita pelo próprio professor. O professor reflexivo é capaz de investigar os problemas que estão em seu cotidiano, precisa entender o conteúdo específico e compreender a estrutura e se relacionar com o ponto teórico, historiográfico e metodológico. O professor melhora sua organização escolar a partir do momento que compreende o estatuto científico epistemológico da matéria. O conhecimento pedagógico permite uma transposição didática de forma apropriada.

O papel da escola na introdução desses conceitos é importante, tendo em vista que a instituição desenvolve essa capacidade por meio da aprendizagem organizada e sistematizada. Mas ela não pode ignorar os conceitos formados pelos alunos anteriormente, como experiências vividas e apresentadas pela mídia. Há os conceitos de senso comum, que são os inseridos pela mídia, visando à manipulação. O conhecimento escolar se produz por intermédio da aquisição de conceitos.

Para os alunos dessa faixa etária seria complexa a introdução de tempo passado, por exemplo. Os professores piagetianos organizam círculos concêntricos que se apóiam nas experiências dos alunos, tornando o conhecimento social. Os objetos de estudo históricos têm sua delimitação no tempo e espaço. A história procura compreender o tempo vivido de outras épocas, reconstrói o tempo passado e o transforma em algo mais familiar para nós. O tempo usado é o métrico (cronologias e periodizações), qualitativo (das durações da sucessão) e a simultaneidade. Um dos entraves vividos pelos professores de história é a compreensão dos alunos em localizarem os acontecimentos no tempo, e a identificação dos séculos do período antes de Cristo (a.C) e depois de Cristo (d.C) - um modo de facilitar nessa compreensão é o uso de linhas do tempo.

É importante que o professor continue adquirindo novos conhecimentos. O que se sabe sobre a história é que ela se renova conforme as novas pesquisas e as práticas pedagógicas também se alteram. Dessa forma, é necessária uma formação continuada para os professores.

Começando a tratar sobre o 3º ciclo do Ensino Fundamental I, que engloba os 6ºs e 7ºs anos, pode-se dizer que os alunos recebem grande número de informações. Suas vivências fornecem informações fragmentadas. Torna-se fundamental que o aluno transforme suas reflexões sobre a vivência social no seu tempo, considerando os diversos modos de vida em sua mesma época e nas épocas diferentes. É necessário o desenvolvimento de atividades que possam questionar o presente, questões sobre a organização social e suas relações em diversas esferas. Os alunos já possuem algumas noções de tempo, e conhecimento sobre o calendário atual. O professor é responsável em incentivar a construção de relações entre os eventos. Assim os alunos caracterizam o contexto histórico e podem dimensionar sua duração, seu ritmo, suas transformações e permanências no tempo.

É esperado que o aluno ao final do terceiro ciclo seja capaz de localizar acontecimentos no tempo, dominando padrões de medida e noções para distingui-los por critérios de anterioridade, posterioridade e simultaneidade. (PCN, 20)

Já no 4º ciclo, os alunos dominam um conjunto de noções e reflexões históricas que possibilitam estudos sobre as vivências humanas no tempo de forma mais conceituais. O professor deve saber o momento de introduzir novos assuntos. Como no terceiro ciclo, é importante o professor valorizar as reflexões dos alunos, feitas com as informações que recebem diariamente. Eles estão prestes a adquirir o direito ao voto, então é importante que o professor provoque o questionamento do presente, para que possam refletir sobre as relações políticas e sociais atuais a partir da história. Os temas abordados podem ser mais gerais e teóricos. O professor deve ministrar informações

sobre as medidas de tempo, que se estruturam para que os alunos localizem os fatos e sujeitos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: Fundamentos e Métodos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Por que os alunos (não) aprendem História?** Reflexões sobre ensino, aprendizagem e formação de professores de História. *Dossiê*, 2006.

CAPES, Pibid - Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. Disponível em: < <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

Ministério da Educação, PIBID – Apresentação. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em: 27 jul. 2017.

PETRONILO, Ana Paula, D, S. **Dificuldade de aprendizagem na leitura e na escrita**. Brasília, 2007.

SEFFNER, Fernando. **Saberes da docência, saberes da disciplina e muitos imprevistos: atravessamentos no território do Ensino de História**. Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH. São Paulo, jul. 2011.

SHIMAZAKI, Elsa Midori. **Causas das dificuldades na leitura e escrita**. Maringá.